

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

DIRECTOR, JOÃO MARQUES SOARES DE AZEVEDO

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Annuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento.

PEDIDO

Aos nossos illustres assignantes que estão em debito pedimos que mandem satisfazer a importancia de suas assignaturas.

O «Comercio do Minho» subsiste unicamente pelo favor de seus assignantes, e se estes lhe faltam com os meios necessarios—a pontualidade do pagamento,—vê-se a empreza em gravissimos apuros.

Esperamos que attendam a esta justissima reclamação.

BRAGA—28 DE JANEIRO

Discurso de Sua Santidade o Papa Leão XIII aos peregrinos italianos

Em 6 de janeiro corrente recebia Sua Santidade, em audiencia solemne, a peregrinação italiana, composta de representantes de todas as dioceses da Peninsula, dirigindo-lhe o magnifico discurso que em seguida publicamos, cuja importancia é facil avliar pela simples leitura: importancia tanto maior, quanto é certo que, *mutatis mutandis*, tudo aquillo que o Summo Pontifice diz com referencia á Italia, é applicavel aos demais paizes da Europa, que todos devem beneficios inculcaveis á influencia salutar da Igreja em geral e do Supremo Pontificado em especial.

Não menos proveitosos são tambem para os catholicos de todo o mundo, nas circumstancias actuaes da sociedade, os conselhos e exhortações que o Pae Commum dos fieis dirige aos representantes dos catholicos italianos que o saudam. Os leitores podem apreciar-o: apenas fazemos

votos para que esses conselhos sejam, com toda a fidelidade, postos em pratica entre nós por todos aquelles que ainda se prezam de filhos submissos da Igreja Catholica.

Pouco depois do meio dia entrava Leão XIII na sala ducal, onde se achavam reunidos cerca de 600 peregrinos, acompanhado dos Em.^{mos} Cardeaes Morretti, de Lucca, Sbaretti, Meglia, Ledochowski, Sanguigni, Giannelli, Sacconi, Pellegrini, Heublohe, Carafa, Oreglia, Hassoun, Borromeo, Howard, Mertel, Nina, Jacobini, Alimonda, Zigliara, Pecci e d'um brilhante cortejo de bispos prelados e camareiros, sendo saudado e aclamado entusiasticamente ao seu apparecimento. Depois de lida uma bellissima mensagem da peregrinação pelo professor Tolli, presidente geral da sociedade da juventude catholica italiana. Sua Santidade respondeu assim:

A vossa presença n'este lugar, em numero tão crecido, e as affectuosas expressões que acabaes de dirigir-Nos enchem o Nosso espirito da mais viva satisfação, da mais doce alegria. Sede bem vindos, pois que não vos esquecendo do Pae Commum dos fieis e concorrendo de diversas partes da Italia, mais uma vez chegastes a Roma para, imitando o proceder dos Magos para com o Deus recém-nascido, ofertar ao Pontifice, não só as vossas divas, mas, o que é muito e muito mais precioso, as vossas homenagens e o solemne testemunho da vossa fé e do vosso amor filial.

Ao ver-vos aqui reunidos e ao lembrar-Nos de quão numerosos são aquelles que, a longa distancia d'este lugar, professam os mesmos sentimentos de fé e religiosa piedade, logo se Nos despertou n'alma o pensamento consolador de que a parte melhor e mais selecta d'esta Italia, que para Nós é tanto mais querida, quanto se acha mais perto da Cadeira de S. Pedro, odeia e detesta a obra ne-

fanda d'aquelles que, em seus impios designios, se esforçam por arrancar do coração dos Italianos a sua antiga piedade. E agora que nos achamos no mais renhido da lucta, no mais vivo e acceso da peleja, como consola ver que esta porção escolhida não teme declarar-se afoitamente em prol da Igreja combatida, nem receia acercar-se de frente erguida e agrupar-se com desassombro em volta da Séde apostolica, principio e centro de toda a unidade catholica.

Hoje, como sempre nas occasiões mais difficeis, tanto os inimigos como os amigos teem fitos os seus olhares na Santu Sé, com pensamentos, porém, e sentimentos bem diversos. Olham-n'a os primeiros de revez e possuidos d'odio e d'um rancor feroz, e dirigem-lhe insultos e vilipendios, olvidando os insignes beneficios prestados á nossa cara patria pelo Pontificado Romano: enquanto os segundos filhos dedicados da Santa Sé, a encaram cheios de confiança e amor, louvam e dão graças á Providencia divina por ter escolhido a Italia para o Vigario de Jesus Christo n'ella assentar a sua cathedra.

Penetrados de gratidão e reconhecimento, sentem estes despertarem-se-lhes no intimo d'alma gratas recordações dos tempos passados: e assim lembram-se de que foi á benéfica influencia dos Summos Pontifices que a Italia, ainda mesmo na ordem temporal, deveu o ser a primeira d'entre as nações do mundo a sahir da barbarie, a desenvolver a sua vida civil e entrar no caminho da civilização. Recordam-se não menos de que ella, se logrou subtrahir-se ás discordias e luctas religiosas, e encontrar na fé catholica o laço mais forte para unir entre si os seus habitantes tão diferentes pela sua origem, character e costumes, o deve tambem á constante sofficitude dos Supremos Pastores e aos seus cuidados paternaes. Nem esquecem igualmente que todos os monumentos da verdadeira grandeza que a Ita-

lia possui, e que tanto distinguem entre as nações, trazem profundamente impresso o cunho dos sentimentos religiosos que lhes deram origem. E com taes reflexões e lembranças, estes filhos extremos se decidem a estreitar cada vez mais a intima união de seus antepassados com a Santa Sé Apostolica.

E aqui perguntamos Nós agora: qual d'estes dois partidos em que actualmente se acham divididos os Italianos, dedica amor mais sincero á sua patria? qual zela melhor os seus interesses e a sua gloria? Não falta, bem o sabemos, quem julgue poder elevar a Italia a um novo grau de esplendor, sem fazer caso da religião, combatendo a Igreja, atacando os direitos, a liberdade e independencia do seu Chefe Supremo; mas é isso um erro fatal. Por esse caminho a Italia irá, por sem duvida, precipitar-se n'um abysmo onde em vão procurará o seu antigo esplendor e os inapreciaveis beneficios da civilização christã, de que fôra tão rica n'outras eras, como prova, com documentos irrefragaveis, a sua historia a quem a examinar attentamente e a estudar sem paixão. Por isso, os que tentam arrastal-a por este caminho, menosprezando as suas mais nobres e caras tradições, bem longe de a amarem, preparam-lhe calamidades e ruinas.

Enquanto a vós, carissimos filhos, asaz tendes provado que sois do feliz numero d'aquelles que ao amor da patria sabem aliar o da religião e do Soberano Pontifice, practicando assim um acto não só religioso, mas eminentemente patriótico.

Não vos inquieteis, pois, por causa das accusações que alguns, ignorantes ou perversos, ousam fazer-vos, lançando-vos em rosto que não amais a vossa patria por serdes fieis á Igreja, dedicados ao Pontifice Romano. Esta accusação inepta e louca vae recahir, toda inteira, sobre elles: e por isso vós, caros filhos, deveis permanecer firmes na vossa nobre resolu-

FOLHETIM

A NOVA MISSÃO DO ZAMBEZE

XXV

O PASSADO PARA CONFORTO DO FUTURO

Cumpra não exaggerar as difficuldades, que ainda restam a vencer, assim como aquillo que já se acha feito. Depois de um trabalho e de uma anciedade de onze mezes, os nossos missionarios chegavam enfim a conseguir o objectivo immediato dos seus desejos, que era firmar pé na capital d'este poderoso povo. A obra verdadeiramente apostolica está agora no seu começo, e não devemos dissimular a difficuldade e magnitude de semelhante empreza. Trata-se de instruir no amor de Deus e do proximo uma raça de homens, que outra noção não tem de um mundo invisivel além de um poder malefico, ao qual tratam de tornar-se agradaveis por meio de repellentes crueldades, e que consultam com ritos supersticiosos em toda a circumstancia séria da vida. Trata-se de reformar um povo, entre o qual a lei da força prevalece contra a lei do direito; um povo entre o qual a justiça é administrada pela feiticaria, e de cujo coração sanguinolentas tradições não expungido o sentimento da compaixão. Não nos resta a minima duvida de que uma

tal gente, acostumada á guerra, e corrompida pela polygamia, que tem como instituição estavel, offerecerá um terreno pedregoso á sementeira das suaves e castas verdades do Evangelho. Por outra parte, a difficuldade deriva antes da fórma de governo, do que do povo mesmo. Este, pelo contrario, parece ser simples e cheio de confiança, não se podendo deixar de presentir desde já que, se um dia se modificar o systema politico, e se interromperem as tradições supersticiosas, haverá alli um terreno capaz de produzir copiosos fructos; e é facil de ver que, posta de parte a influencia do regimen despotico (a qual pôde ainda por outra via converter-se em bem) este campo dá ainda mais bellas esperanças, do que o de Paraná e do Uruguay, os quaes todavia produziram tão abundante colheita, ha dous seculos e meio. Não devemos porém maravilhar-nos de que tal empreza seja obra do tempo. Bons vinte annos decorreram entre o dia, em que o P. Ricci penetrou na China, e aquelle em que poz os pés em Pekim; e só depois de tão longo tempo foi que a sua missão começou a produzir os almeçados fructos. Os nossos missionarios teem que derribar todo um systema de feiticaria, que penetra e dirige todo acto da vida social. As mulheres devem ser transformadas de escravas e concubinas, que ao presente são, em esposas e irmãs. Aos homens é preciso convencer-os de que ha na humana natureza uma parte muito mais nobre que a força bruta; e uma tradição de paz e

de justiça deve tomar o lugar de um systema abominavel de sangue e de rapina.

Mas que? Devemos nós desesperar de o conseguir? Tudo isto se fez já em outras partes. Será esta uma mutação da dextra do Altissimo, que a Santa Igreja tem andado operando atravez dos seculos sobre a terra. Dirão talvez que a conversão d'estes povos exige um milagre. Mas Jesus Christo tem promettido fazel-o: «Manuseareis as serpentes (disse elle a «seus discipulos) e se beberdes qualquer «potagem mortifera, não vos fará mal al- «gun». Ah! Nós esquecemos talvez que os milagres na ordem da graça são a vida diaria da Igreja no mundo. Os corpos por Jesus Christo chamados á vida eram os symbolos d'aquellas almas, que elle determinava de resuscitar por meio da sua Igreja. A saude d'estas pobres almas não lhe custará, a Elle, mais do que lhe custou o dizer ao cego do Evangelho: «A tua fé te salvou»; ou ao filho da viuva de Naim: «Moço, digo-te que «te levantes».—Foi exactamente para isto que elle desceu sobre a terra.

Temos toda a razão de esperar que, quando os Padres-houverem aprendido melhor a lingua, e adquirido mais intimamente a confiança do rei, poderão inspirar-lhe o desejo de melhor comprehender, que só o amor d'esta infeliz gente os ha impellido a abandonar todos os commodos do patrio solo, e a consagrar os seus mais ternos cuidados á cura de um leproso na região dos Matabeles. Então conhecerá o rei, que elles não são

mercadores, caçadores, nem aventureiros viajantes, mas que veem unicamente para beneficiar o povo, e para ensinar-lhe uma felicidade, em que elle jámais pensara.

Pouco a pouco farão perceber ao rei quanto elle seria mais amado se quizesse ser para o seu povo um pae em lugar de um despota; quão mais respeitado seria se, ao tratar com os seus semelhantes, se regulasse segundo o direito, e não segundo o poder; e quanto mais nobre acção seria tributar a Deus, do quem todo o bem dimana, um culto de amor, do que render uma servidão de temor ao demonio, que não pôde fazer mal a alguem, senão quando Deus o permite para castigo d'aquelle, que incorre na sua ira. Elles poderão emfim demonstrar-lhe, que os mais poderosos e mais sabios reis da terra teem curvado a cerviz a este jugo, e teem-se levantado maiores e mais estimados pela sua sujeição. Estes e outros muitos pensamentos lhe serão suggeridos por aquelle Divino Espirito, que tem na mão os corações dos imperantes, e que formou o coração de um matabele como formou o de uma Catharina de Sena ou de uma Francisca Romana.

No entretanto quantos meninos podem ser salvos por aquellas aguas regeneradoras do Santo Baptismo, em vista da confiança, que o povo tem já nos Padres por causa da sua pericia!

(Continúa)

ção de proseguir sempre nas vossas louváveis empresas, com uma eargia tanto maior, quanto maior forem os perigos que nos ameaçam.

Com as mesmas intenções e com o mesmo espirito, aproveitando todos os meios ao vosso alcance, esforçae vos todos por manter sempre vivo no povo italiano o sentimento religioso, a fé, o amor á Egreja e a dedicação ao Supremo Pastor que lhe preside. Tende cuidado de vos oppor ao espirito d'incrédulidade, de corrupção e de liberdade desenfreada que invadiu e assoberba a nossa idade.

Convem que a juventude catholica, por meio dos seus circulos, e os Congressos catholicos, com seus centros e commissões, desenvolvam com ardor a sua acção, e procurem constituir-se e implantar-se por toda a parte, trabalhando d'harmonia e conservando-se sempre, pelo que diz respeito á religião e á fé, sob a direcção e dependência dos seus pastores.

Para Nós, encerrado, ha já tres annos, dentro d'estas paredes, no meio de tantas afflicções e amarguras que Nos opprimem, não será pequena consolação, mas grande conforto, ver-vos docéis, corajosos e resolutos e firmemente unidos na nobre e gloriosa defeza dos interesses religiosos e sociaes da nossa patria. Como Moysés, conservaremos nossos braços erguidos para o Senhor, supplicando-lhe que accete benevolos os vossos esforços, que os auxilie, os corde de bom exito e vos reserve aquellas recompensas eternas, das quaes desejamos vos seja penhor, a benção apostolica que, possuido de paternal affecto e com inteira satisfação de Nossa alma, vos concedemos a vós, a vossas familias e a todos os italianos.

Quantum mutatus ab illo!

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

Tudo o que sem o consentimento dos Tres Estados, ao menos legitima, clara, e facilmente inferido, se dispoz, e praticar, quanto ao direito fundamental, e especialmente quanto ao direito de successão á corôa, é não só abusivo e illicito, mas tambem invalido e nenhuma asserção, que os Tres Estados não tiram do Publicista Watel, mas sim do direito, ou antes da razão universal; e em que se conformam com o que já disseram os nossos maiores, tambem juntos em côrtes, em 1641.

E presuppõdo (diz o assento feito em côrtes no dito anno) por cousa certa em direito, que ao reino sómente compete julgar e declarar a legitima successão do mesmo reino.

Impugnã por ultimo, ou pretendem impugnar, os direitos d'El-Rei Nosso Senhor, e os da nação portugueza, advertindo-nos de que o reconhecimento, que os soberanos da Europa fizeram ao sr. D. Pedro, como rei de Portugal, fóra de direito, e não de facto.

Devem, e querem abster-se aqui os Tres Estados, de toda a resposta menos circumspccta, de que poderia offender-se o respeito devido aos soberanos, e a gravidade propria.

Como porém o mesmo respeito devido aos soberanos pede que se dê alguma, os Tres Estados a dão como se segua.

Eles sabem que a facção turbulenta, e temeraria, com as palavras cavilosamente empregadas, *leis antigas, natural, filho primogenito* culeou, e allucinou as potencias europeas, que, adherindo discretamente ao seu nobre systema de legitimidade, reconheceram, e quizeram, sem o perceberem, corroborar por seu reconhecimento o mais enorme desvio das leis, o mais arrojado insulto, que se fez até agora aos grandes, e respeitáveis principios da legitimidade. Mas n'isto não vêem outra cousa, senão um engano feito ás potencias, ou mais um crime de facciosos, que se não poupam a crimes. E poderá um engano das potencias, ou para melhor, um crime de mais nos facciosos, prejudicar aos direitos de El-Rei, e aos nossos? Se as potencias europeas se dignassem de responder a esta pergunta, certamente responderiam que não.

O que resta pois, é pedir ás potencias, e esperar, como os Tres Estados do Reino confiadamente esperam da sua sabedoria, e justiça notorias, que sobre os negocios internos de Portugal, e particularmente no que toca ás suas leis fundamentais, e ao seu direito de successão á corôa, escutem o testemunho solemne da nação portugueza, de preferencia aos sophismas, ou insinuações aleivosas de uma facção: na certeza de que por este modo

não hesitarão, no tocante aos pretendidos direitos do sr. D. Pedro á corôa d'este reino, em reformar quanto antes o seu juizo.

O que tudo bem attendido, e gravemente ponderado, os Tres Estados do reino, achando que leis clarissimas, e terminantes excluíram da corôa portugueza, antes do dia 10 de março de 1826, o sr. D. Pedro e seus dependentes, e por isso mesmo chamaram, na pessoa do Senhor Dom Miguel, a segunda linha; e que tudo o que se allega, ou póde allegar em contrario, é de nenhum momento: reconheceram unanimemente, e declararam em seus assentos especiaes, e n'este geral reconhecem, e declaram que a El-Rei Nosso Senhor, o Senhor Dom Miguel primeiro do nome, pertenceu a dita corôa portugueza, desde o dia 10 de março de 1826; e que portanto se deve reputar, e declarar nullo o que o sr. D. Pedro, na qualidade de rei de Portugal, que não lhe competia, praticou e decretou; e nomeadamente a chamada carta constitucional da monarchia portugueza, datada de 29 de abril do dito anno de 1826.

E para constar se lavrou esse auto, que todas as pessoas, que ora assistem em côrtes pelos Tres Estados do Reino, assignaram. Escripito em Lisboa aos 11 do mez de julho de 1828 annos.

Patricio, Cardeal Patriarcha—Frei Joaquim, bispo de Coimbra, conde de Arganil—Joaquim, bispo de Castello Branco—Francisco, bispo de Vizeu—Antonio, bispo de Bugia, Suffraganeo, e vigario capitular d'Evora—Frei Manoel, bispo Deão—Francisco, bispo de Vizeu, como procurador do bispo de Leiria—Principal decano—Principal Silva—Principal Menezes—Principal Lencastre—Principal Camara—Como procurador do principal Corte Real, principal Menezes—Principal Furtado—Doutor frei José Doutel, D. Abade Geral Esmoler Mór—Manoel, prior mór de Aviz—José, prior mór de Palmella—Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva, vice-reitor da Universidade—D. André da Conceição, substituto geral da congregação dos conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra.

Braço da nobreza

Duque do Cadaval—Duque de Lafões—Marquez do Louriçal—Marquez mordomo mór—Marquez de Tancos—Marquez de Pombal—Marquez monteiro-mór—Como procurador do marquez de Penalva, conde do Redondo—Marquez de Vagos—Marquez de Sabugosa—Marquez de Vianna, e como procurador do marquez de Bellas, marquez de Vianna—Marquez de Yallada—Conde de Povolide—Conde de Ceia—Por meu irmão D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello, duque de Lafões—Conde de Cintra—Conde de S. Miguel—Conde de Porto Santo—Conde dos Arcos—Conde de Penafiel—Como tutor de meu sobrinho o conde de Valladares, marquez mordomo mór—Pelo conde de Carvalhães, duque de Lafões—Como procurador do conde de S. Lourenço, marquez de Sabugosa—Conde do Rio Pardo—Conde de Murça—Conde porteiro-mór—Como procurador do conde de Mesquitella e do conde de Sampaio Antonio, visconde da Babia—Por mim e como procurador do conde da Poveia, conde de Peniche—Por mim e como procurador de meu sogro, conde da Louzã D. Diogo—Como procurador dos condes da Figueira, e conde de Pombal, marquez de Vianna—Conde de Anadia—Conde de Castro Marim—Conde das Galveas—Conde de Barbacena Francisco—Como procurador de seu pae o conde de Barbacena, conde de Barbacena Francisco—Conde da Lapa—Como procurador do conde de Rio Maior, marquez de Pombal—Conde de S. Vicente—Como procurador do conde de Bobadella, marquez de Tancos—Conde de Vianna—Conde Barão de Alvito, por si, e como procurador de seu sogro o marquez de Alvito, conde barão de Alvito—Conde de Almada—Conde da Ega—Conde de Belmonte—Como procurador do conde de Camarido, barão de Sande—Conde do Redondo e como procurador do conde de Soure, conde do Redondo—Conde de Atalaia—Conde de Alhandra—Conde da Redinha—Visconde da Bahia, por mim, e como procurador do visconde da Bahia, João—Visconde de Juromenha João, e como procurador de seu pae o visconde de Juromenha—Visconde de Santarem—Visconde de Azurara—Visconde de Magé—Visconde de Porto Covo de Bandeira—Visconde de Manique do Intendente—Visconde de Estremoz—Barão da Villa da Praia—Como procurador do visconde de Villa Nova da Rainha, Antonio José

Guião—Barão de Sande, por si, e como procurador pelos barões de Villa Franca, de Queluz e de Quintella—Barão de Albufeira—Barão do Zambujal—Por procuração do barão de Beduido, visconde de Porto Covo de Bandeira—D. José Francisco de Lencastre—O conselheiro Manoel José Sarmiento—O conselheiro Joaquim José Monteiro Torres—O chanceler mór do reino Antonio Gomes Ribeiro—O chanceler da casa da supplicação João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães—O conselheiro intendente geral da policia José Barata Freire de Lima—D. Francisco de Mello Manoel da Camara—Francisco Peixoto Pinto Coelho—O conselheiro João Manoel Placido de Moraes—O conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, e como procurador do conselheiro de Estado Ignacio da Costa Quintella, Manoel José Maria da Costa e Sá—O desembargador do paço honorario juiz da corôa e fazenda, Victorino José Cerveira Botelho do Amaral—O conselheiro doutor José Joaquim da Cruz e Carvalho, por si, e como procurador do conselheiro Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes—O conselheiro vereador do senado João José Mascarenhas de Azevedo e Silva—Joaquim José Ferreira Cardoso da Costa Castello, senhor da villa de Serem, alcaide mór de Ceia—Marcos Caetano d'Abreu Menezes, do conselho de sua magestade—O conselheiro da fazenda Antonio Xavier de Moraes Teixeira Homem, por si, e como procurador do barão do Sobral, e do conselheiro Antonio Avellino Serrão Diniz—José Anselmo Correia Henrique—João de Carvalho Mártens da Silva Ferrão, do conselho de sua magestade e desembargador do paço—O desembargador do paço Lucas da Silva Azeredo Coutinho, procurador da corôa—O conselheiro desembargador do paço José Pedro da Costa Ribeiro Teixeira—O conselheiro da fazenda José de Mello Freire—O conselheiro do conselho da real fazenda, e como provedor das capellas do senhor rei D. Afonso quarto, Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque—Doutor João de Figueiredo, do conselho de sua magestade, desembargador decano de agravos, e honorario do desembargo do paço—Luiz de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendonça—O conselheiro Joaquim Estanislão Rodrigues Ganhado—O conselheiro da fazenda honorario Jeronymo Caetano de Barros Araujo Beça—O conselheiro d'estado honorario Joaquim Pedro Gomes de Oliveira—O conselheiro vereador do Senado José Ignacio de Mendonça Furtado—O conselheiro do ultramar Manoel Ignacio de Sampaio e Pina—O conselheiro do ultramar doutor João Antonio Rodrigues Ferreira—O conselheiro Carlos Felix Gerualdes May—O desembargador do paço José Antonio da Silva Pedrosa—O desembargador do paço Francisco José de Faria Guião, por si, e como procurador do barão de Castello Novo Joaquim—O desembargador do paço Manoel José de Arriaga Brum da Silveira—O desembargador do paço José Joaquim Rodrigues de Bastos—O conselheiro Domingos José Cardoso—O conselheiro e procurador da real fazenda Antonio José Guião—José Maria Sinel de Cordes, alcaide mór da villa de Alvalade—O conselheiro Luiz José de Moraes Carvalho—O conselheiro José Ignacio Pereira de Campos—O conselheiro José Pedro Quintella—O conselheiro Alexandre José Picaluga—José Antonio de Oliveira Leite de Barros, conselheiro de estado—Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do conselho d'estado honorario, e como procurador de Manoel Vicente Teixeira de Carvalho, conselheiro de estado honorario—Joaquim Guitherme da Costa Posser, do conselho de sua magestade—Antonio Thomaz da Silva Leitão, do conselho de sua magestade—O desembargador do paço Pedro Alvares Diniz—Francisco José Vieira, do conselho de sua magestade—José Maria Dantas Pereira, do conselho de sua magestade—José Ribeiro Saraiva, conselheiro de fazenda.

(Continúa)

Os meetings

Bem conhecem os adversarios do actual governo que não é elle o protector dos jesuitas, nem o defensor das ordens religiosas.

Bem sabem os adversarios da Granja que, no governo do duque de Loulé, as Irmãs da Caridade foram apedrejadas em Lisboa e obrigadas a sair de Portugal.

Bem sabe a regeneração de hoje, como a regeneração de hontem, que o fal-

lecido duque de Loulé declarou em pleno parlamento e á face do paiz ser maçon e presava-se de o ser, e que outrn ministro, o sr. Mendes Leal, disse que a liberdade estava acima de Deus, que amava mais a liberdade do que a Deus.

Mas, a beatica regeneração d'aquelle tempo, que tinha feito confissão geral, e procurava a indulgencia plenaria do povo para subir ao poder, estudou a oratoria sagrada, adoptou o estylo pathetico, ornou-se de flores de rhetorica, armazenou trópos e figuras de todos os feitios, foi ás bibliothecas ler os sermões do padre Antonio Vieira, cremos até que pediu emprestada a sotaina de um ecclesiastico, e, assim preparada, subiu á tribuna gritando: Escandalo!

Sim, irmãos, escandalo; porque o governo progressista (n'aquelle tempo diria historico. Não admira porque as lamurias liberaes são tudo *historias*) é um impio, um excommungado, um herege, um.....

Bem sabemos que a regeneração d'aquelle tempo zombaba, e só por ironia representava aquelle papel, mas tinhamos comtudo a convicção do antigo rifão que diz:—Zombando se dizem verdades.

Hoje porém, conforme abundam certos elementos nas diversas terras d'este nosso Portugal, tanto a regegeração como a granjlice representam diversos papeis: são actores que hoje servem de Asmodeu e amanhã de Santo Antonio milagroso.

Vejamos:

Em Lisboa, n'essa cidade que se impõe o papel de representar Paris em miniatura, improvisam-se *meetings* contra a *invasão invisivel* de jesuitas n'este nosso reino, e levantam-se calorosos brados contra o governo que os consente.

Sabemos e todos sabem que pelo menos ha sete jesuitas em Portugal; esses, porém, não ensinam nos templos a doutrina christã.

Esses sete jesuitas contra quem a regeneração e o republicanismo move tão crua guerra, até protestam mathematicamente com o seu numero, que não são os jesuitas que bradam contra os sete peccados capitales, mas sim a encarnação d'elles.

Se, pois, a regeneração subir ao poder, estamos certo de que acabarão os *meetings* contra os jesuitas e apparecerá no «Diario» o seguinte decreto:

«Considerando Nós e Elle que os jesuitas são e tem sido a causa de não implantarmos n'este reino um governo a *nossa modo e feiço*, havemos por bem expulsar de S. Bento os seguintes *jesuitas*, que prometendo melhorar a sorte d'estes reinos, mais do que nós, aggravaram ainda o estado da fazenda, e nos collocaram á beira do abysmo da bancarota.

«Havemos por tanto ordenado, e ordenamos que vão á *tuna* os seguintes, e que todos os outros fiquem em paz.»

Escusado será dizer que os sete *jesuitas* ou os sete *tira-teimas*, são os sete actuaes ministros.

Não nos admira esta fórma de fazer politica. E' mister andar com os ventos da opinião nas diversas terras para snbir ao poder. E' esta a praxe liberal de nosso tempo. Os meios e os elementos variam segundo as localidades. O que n'uma parte serve para armar ao effeito a favor de uma facção, em outra é um elemento de guerra.

Subir, subir é a mira dos que estão em baixo, e *conservare digneris* é o lema da bandeira dos que estão em cima.

Mas, a moralidade foge espavorida; a justiça esconde-se debaixo da terra; a liberdade individual aguilhoa-se; a religião persegue-se; o povo opprime-se; o governo pavoneia-se e a côrte folga e ri.

E' o que vemos ha perto de meio seculo.

GAZETILHA

A' «Correspondencia do Norte». —Valha-te Deus, vizinha travessa.

Emprasamos-te para que nos disseses quaes as *accusações falsissimas*, que dirigimos aos chefes do partido legitimista, e revolveste o archivo sem nada poderes encontrar.

Porque transcrevemos um artigo que, então como hoje, achamos *excellente*, podendo até acrescentar—judicioso—porque condemnava um *pacto politico* para o despacho de um parcho—essa reluctancia da nossa parte em não nos conformarmos com este modo de prover egrejas, é uma *accusação falsissima* aos chefes do partido legitimista!

Accusação, sim, concordamos, falsíssima, não.

E já que a «Correspondencia» nos pucha pela lingua, vá a ella a responsabilidade de mais uma vez trazermos esta questão a lume.

Vamos contar, pois, uma historia á «Correspondencia», que talvez ella saiba tão bem como nós.

Depois que publicamos aquelles artigos, em resposta ao nosso collega o «Constituinte», artigos em que censuramos o entrometimento da auctoridade, a influencia nefasta do poder civil e de partido para o provimento de beneficios ecclesiasticos, depois que puzemos ponto sobre esta questão, veio ao nosso escriptorio um individuo pertencente ao centro legitimista de Braga, e que tem prestado muitos serviços á Granja nas eleições de deputados.

Estava em nosso escriptorio um antigo empregado da administração d'este jornal, a quem sua exc.^a disse:

«Risque-me de assignante do «Commercio do Minho». Não quero auxiliar um jornal regenerador».

«Que importa ao «Commercio do Minho» que o partido legitimista pedisse o despacho de um parcho?»

«Fui eu e F. que pedimos este despacho e estavamos no nosso direito».

Tudo isto foi dito ao nosso empregado com modos arrogantes, como se aquelle cavalheiro, cujo nome não declaramos, fosse elle só e o outro, o partido legitimista de Braga!

Já vê o collega que não fizemos *accusações falsissimas*, dissemos a verdade e só a verdade, pese a quem pesar, fira a quem ferir.

Para nós a moralidade está acima de todas as considerações politicas. Se estivessemos presente quando aqui se apresentou aquelle cavalheiro, apesar das considerações pessoas que temos com s. exc.^a haviamos de repellir dignamente aquellas insinuações, e até ameaças, que callamos mas não tememos, e que nada mais denotam que crinices.

Nem precisamos justificação por emquanto a respeito das *taes accusações falsissimas*, visto estar um processo sobre o assumpto dependente da camara ecclesiastica.

Sobre este processo já dissemos a nossa opinião em um dos numeros anteriores d'este jornal.

Assim como a politica progressista influiu no despacho, sabemos que a politica regeneradora *atira* o processo.

Anda a Igreja á mercê dos corrilhos, e é contra esta alta immoralidade que temos de bradar sempre, sempre, estejam certos d'isso.

Fallecimento.—Ealleceu ante-hontem o reverendo fr. José de Nossa Senhora da Graça, egresso da ordem do Carmo, do seminario de Santa Maria Magdalena, da Felperra.

Era uma d'essas virtudes austeras, honra do claustro, um ministro incançavel da salvação das almas, ancão respeitavel e respeitado por todos que conheciam aquelle sacerdote de venerando aspect.

Abre-se pois o tumulo mais uma vez para receber um santo, um dos denodados campeões da Igreja Catholica, um espelho das santas e preclaras virtudes evangelicas, que a liberdade arremessou do claustro á rua em nome do progresso.

Que o virtuoso e santo varão peça a Deus nos céos pelo nosso infeliz Portugal, n'este tempo em que a impiedade procura por todos os meios banir do coração do povo a crença de nossos passados, para que vejamos restituída a paz á Igreja de Jesus Christo a quem, em vão, procuram anniquillar.

Aos nossos leitores pedimos uma prece a Deus nosso Senhor pelo eterno descanço do virtuoso sacerdote.

Outro.—Falleceu na sua casa da Fonte, em Vizella, a exc.^{ma} sr.^a D. Felicia Rosa Dias da Costa, mãe do rev.^o padre José Maria da Costa Dias, digno parcho de Intias, concelho de Guimarães.

A finada era parente da exc.^{ma} sr.^a D. Maria Clara Dias da Costa, proprietaria d'este jornal.

Pedimos aos nossos leitores uma supplica a Deus Nosso Senhor, pelo eterno descanço d'aquella virtuosa sr.^a.

os catholicos teem sido victima n'estes ultimos tempos.

Os desenganos chegam.

Meeting.—Chegam-nos noticias de Lisboa acerca d'um *meeting* que teve lugar no theatro de D. Fernando, realisado pelos republicanos e liberaes, contra a *invasão jesuitica*.

Estavam presentes cerca de 4:000 pessoas; fallaram varios republicanos no tom que lhes é peculiar—*solfa de insultos e improperios*: depois fallou tambem o valente catholico Donoso de Mendonça, protestando contra tão infundadas, pouco serias e indecentes declamações.

Este discurso produziu confusão nos arraiaes republicanos e liberaes, que se deslorçaram, levantando um grande tumulto e alvoroço, respondendo ao orador com: *Vivas á liberdade! Vivas á republica! Abaixo os jesuitas! Abaixo o Papa!* etc.

A policia invadiu a sala e effectou algumas prisões de republicanos, por darem vivas e gritos sediciosos e perturbadores da ordem publica.

Nem elles são nem foram nunca outra cousa; elles pedem e invocam leis e o mesmo fazem os catholicos, com mais direito.

O corajoso orador catholico Donoso de Mendonça foi acompanhado a sua casa pela policia.

Como consequencia do *meeting*, os republicanos e liberaes continuaram na rua a fazer das suas. Um padre, que por acaso encontraram no caminho, foi insultado e perseguido a ponto de ter de fugir e recolher-se n'uma casa que encontrou proxima. A quem é feita a guerra? é só aos jesuitas?

Parabens e muitos ao valente catholico Donoso de Mendonça e a seus denodados companheiros, que assim nos dão o exemplo de coragem e valor, que é mister n'estes tempos de lucta.

Fallaremos mais demoradamente sobre o assumpto, que nos falta o espaço por agora.—(Ordem).

Ruinas do convento de Alcobaça.—Na madrugada de 18 do corrente pairou sobre Alcobaça uma forte trovada.

Um raio destruiu grande parte do convento. Demoliu a torre do lado do collegio até á altura da varanda que lhe servia de guarda; esmigalhou quasi todos os vidros das janellas da fachada e dos lados; despedaçou a torre do sino grande, e as pedras ao esmorronearem-se, arrombaram as abobodas superiores e destruíram uma casa particular contigua!

Similhante catastrophe é sem duvida, digna de lastima, visto ser o convento de Alcobaça um dos monumentos portuguezes mais antigos, e ao qual estão ligadas grande parte das nossas tradições e factos historicos assás gloriosos.

Tem resistido ao vandalismo dos homens; e, depois d'este acontecimento, não se lembrará o governo de mandar proceder aos necessarios reparos para evitar mais destruição?—(Idem.)

Tempestade em Londres.—A cidade de Londres foi ha dias assolada por uma horrivel tempestade.

A interrupção do telegrapho deixa ignorar por enquanto o numero de desgraças. Os caminhos de ferro não circulam por causa da neve.

Alguns jornaes affirmam que os prejuizos soffridos em os navios surtos no Tamisa, montam a mais de 50 milhões de francos.

Os arrozacs.—Consta ao nosso collega o «Conimbricense», que o Ex.^o e Rev.^o Sr. Bispo Conde, por occasião da sua ultima visita pastoral, notára os graves males que a cultura do arroz causa nas freguezias do concelho de Soure.

Por esse motivo pediu a todos os parochos informações circumstanciadas; e, sendo todos unanimes em affirmar que os arrozacs são a causa principal das doenças existentes n'aquellas freguezias, representou S. Ex.^a Rev.^a ao sr. ministro do reino, pedindo seja extincta tal cultura.

Diz tambem o mesmo collega, que Sua Ex.^a Rev.^a vae em breve publicar uma pastoral, acompanhada dos documentos com que foi instruída a representação, a qual, sem duvida, deve ser mui interessante e honrosa para Sua Ex.^a Rev.^a, que não descarta do cumprimento da sua alta e benéfica missão no meio da sociedade.—(Idem.)

Discursos parlamentares de 1881.—Principiou a venda na Tabacaria Brasileira, Caes do Sodré, 7, dos discursos mais notaveis da presente sessão legislativa.

O primeiro é o do illustre deputado e distinctissimo orador, o sr. José Dias Ferreira, chefe do partido Constituinte, na discussão da resposta ao discurso da corôa.

Foi s. exc.^a que abriu o debate n'esta importantissima discussão, prendendo hoje todas as atenções. Os que se lhe seguiram e seguirem, tambem serão publicados exactamente como forem saindo no respectivo «Diario».

Tambem são publicados os discursos proferidos na camara alta.

As publicações serão authenticas por serem feitas exactamente pelas publicações officiaes.

Preço de cada discurso 40 reis. Os discursos são impressos em ordem a formarem um volume de cada sessão legislativa.

Quem os quizer receber em sua casa em Lisboa ou nas suas terras, pagará adiantadamente pelo pelos 5 discursos, ou 200 reis. N'este preço include-se o porte do correio ou entrega no domicilio do assignante.

Esta publicação não tem nenhuma feição politica. Os discursos dignos de publicação, sairão na ordem que forem proferidos, salvo aquelles que por culpa dos oradores não sairem na publicação official com a devida regularidade.

—Esta publicação é incontestavelmente de grande interesse para o paiz. A imprensa diaria não pode publicar na integra todos os discursos notaveis. Por meio d'esta publicação o paiz poderá saber como são discutidos os negocios publicos mais importantes nas duas casas do parlamento.

—Todos os pedidos devem ser feitos ao editor dos discursos parlamentares, A. L. Risso, Caes do Sodré, 7, Lisboa.

Como a tiragem é por ora restricta, sómente 1:000 exemplares, as pessoas que quizerem comprar os discursos terão a bondade de se inscreverem sem perda de tempo para que os seus pedidos possam ser attendidos.

A' CARIDADE PUBLICA

Imploramos dos sentimentos caridosos dos nossos leitores uma esmola para Luiza Maria de Faria, entevada, que vive em grande necessidade na rua dos Sapateiros n.º 19 (sotão).

Reclamo n.º 5

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saude,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

32 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsia), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, diarrhéa, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue; 90:000 curas, entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da exc.^a sr.^a marquiza de Brehan, de lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, do professor e doutor Benke, etc., etc.

Cura n.º 63:476

Mr. Comparet, cura, de dezoito annos de gastralgia, de soffrimentos d'estomago, dos nervos, fraqueza e suores nocturnos.

Cura n.º 47:422

Prostração.—Baldwin, da mais completa decadencia de saude, de paralyisia dos membros por effeito de excessos da mocidade.

Cura n.º 76:448

Verdum, 16 de janeiro de 1872.

Havia cinco annos que soffria graves incommodos no lado direito e na cavidade do estomago, má digestões, etc. Não hesito em certificar que a sua *Revalesciere* me salvou a vida.

ERNESTO CATTÉ.

(Musico do 63.º de linha).

Cura n.º 62:986

M.^o Martin, de amenorrhéa. Supressão de menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela *Revalesciere*.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de ¼ kilo, 500 reis; de ½ kilo 800 reis; de um kilo, 13400 reis; de 2 ½ kilos, 33200 reis; de 6 kilos, 63400; de 12 kilos, 123000 reis.

DU BARRY & C.^o LIMITED—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regen-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

DEPOSITOS.—Lisboa: Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo, 16; Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31 e 32; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12.—Porto: John Cassel & C.^a; J. de Sousa Ferreira, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS N'ESTA PROVINCIA:

Braga: Antonio Alexandre Pereira Maia, pharmaceutico, rua dos Chãos, 31; Pipa & Irmão, rua do Souto; Domingos José Vieira Machado, droguista, praça Municipal, 17.—**Barcellos:** Antonio João de Sousa Ramos, pharmaceutico, largo da Ponte.—**Viana do Castello:** Alfonso, droguista, rua da Picota; J. A. de Barros, droguista, rua Grande, 140.—**Guimarães:** A. J. Pereira Martins, pharmaceutico; Antonio d'Araujo Carvalho, mercearia, campo da Feira, 1; José Joaquim da Silva, droguista, rua da Rainha, 29 e 33.—**Ponte de Lima:** A. J. Rodrigues Barbosa, pharmaceutico.—**Valença do Minho:** Francisco José de Sousa, pharmaceutico.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados não podendo agradecer pessoalmente, como muito desejavam, a todas as pessoas de suas relações e amizade, que tiveram a bondade de os procurar e cumprimentar por occasião da tão infausta noticia que receberam do fallecimento de seu sobrinho e primo Antonio José Vieira Machado, residente e fallecido na cidade do Porto no dia 10 do corrente, o fazem por este meio, e a todas protestam seu eterno reconhecimento e gratidão.

Braga, 24 de janeiro de 1881.

Domingos José Vieira Machado
Thereza de Jesus Vieira Machado
Angelica Rosa Vieira Machado
Domingos José Vieira Machado Junior
Antonio José Vieira Machado.

(690)

ANNUNCIOS

Na Praça do Barão de S. Martinho n.º 26, segundo andar, fazem-se vestidos e chapéus, na ultima moda.

Preços reduzidos.

Vestidos, de 700 a 15600.
Chapéus, a 400 rs.

Na Praça do Barão de S. Martinho n.º 12, lavam-se luvas a 120 rs. (698)

ACÇÕES

Antonio Manoel Ayres de Oliveira, Chãos, n.º 6, compra acções do Theatro de S. Geraldo. (696)

COMPRAM-SE ACÇÕES

NO

LARGO DE S. FRANCISCO—9

(Loja de sola, proximo ao Theatro)

Do Banco de Villa Real.
Do Banco do Minho.
Do Banco do Douro.
Do Banco da Covilhã.
Do Banco Commercial da Madeira.
Do Banco Commercial de Guimarães.
Do Banco de Bragança.
Do Banco do Alemtejo.
Do Banco Portuguez.
Do Banco Commercio e Industria.
Do Banco Nacional Ultramarino.
Do Banco Mercantil de Braga.
Do Banco Nacional Insulano. (697)

